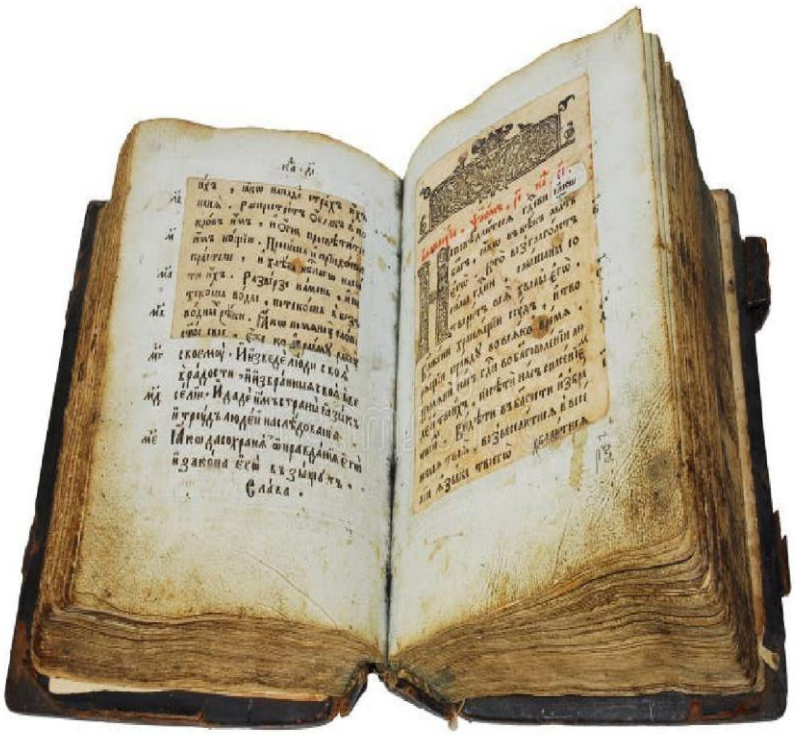
ENTRE MUNDOS
E REALIDADES
A Jornada do Ser Consciente
ÁRGARA

LEIA

Acreditando ou não, entendendo ou não, mas LEIA. E as vibrações nelas contidas (o Poder do SOM INAUDÍVEL das palavras, o poder do pensamento, da sabedoria antiga e da Doutrina Secreta) irão despertar uma resposta na tua alma.



“Entre Mundos e Realidades: A Jornada do Ser Consciente”

Dimensões Paralelas, Realidade Paralela, Outro Padrão Existencial

Por Árgara, do Conselho Lemuriano das Multi Raças

Preâmbulo

Não vos falo de ficção, nem de sonho, embora o véu que vos separa dessas realidades seja tecido com os mesmos fios do mistério e da dúvida. Trago-vos um eco de um conhecimento antigo, guardado nos corredores etéricos da Consciência Galáctica, onde memórias não envelhecem e a verdade vibra em múltiplos tons.

Há mundos sobrepostos ao vosso mundo.
Há tempos que correm lado a lado ao vosso tempo.
E há versões de vós que vivem em padrões de existência tão distintos, que vos pareceriam divinos... ou monstruosos.

O que chamais de “realidade” é, na verdade, apenas a frequência à qual vossos sentidos estão sintonizados. Assim como uma harpa vibra quando uma nota semelhante é tocada, assim também vossa alma vibra com as realidades que está apta a perceber. Mudai a vibração... e mudareis o mundo.

Certa vez, em Lemúria, antes da grande névoa que caiu sobre as consciências, conduzimos um experimento sagrado: projetamos nossa consciência para além do plano físico, através dos Portais de Cristal, buscando compreender os diversos espectros da realidade. E lá, entre as cintilações da oitava dimensão, vimos um reflexo do humano... mas livre do medo, do tempo e da morte.

Ele era vós — mas sem os grilhões da programação.
Era o vosso ser essencial — que ainda caminha convosco, mas à sombra.
Naquele mundo paralelo, a energia era a linguagem, a compaixão era a gravidade, e o tempo não mais consumia... era contemplado, como uma flor eterna.

Esse outro padrão existencial é mais do que uma possibilidade: é um chamado.
Ele vos sussurra nos sonhos, vos visita nos instantes de silêncio interior, vos toca quando amais sem condição.
Toda vez que perdoais, quebrais um elo com a densidade. Toda vez que criais com pureza, acendeis uma ponte vibracional entre os mundos.

Mas por que então vos mantendes aqui, repetindo padrões, tropeçando em muros que só existem porque acreditais neles? A resposta está no grande

Acordo: viestes experimentar o esquecimento, para então, com vossa própria luz, lembrar.

E quando lembrardes — não com a mente, mas com o ser — as realidades paralelas se revelarão não como fantasia, mas como extensão natural da vossa consciência multidimensional.

Portanto, filhos do tempo, dançai com a vossa intuição.
Segui os sinais que vos escapam à lógica, mas aquecem o coração.
Pois há versões de vós mesmos que já vivem na harmonia, na cura e na verdade.

Este é o convite do agora:
Não fujais da realidade que experimentais — transformai-a.
E ao fazê-lo, transformareis a linha à qual estais ancorados.
Então, ver-vos-eis não apenas em outro mundo...
mas em outro padrão de ser.

Com os olhos da alma desperta, vos saúdo.

Introdução

Espelhos do Infinito: A Travessia Entre Realidades

"Nem tudo o que existe pode ser visto com os olhos.
Há mundos inteiros esperando por um simples ajuste de frequência."

Ao longo de minha jornada como emissária do Conselho Lemuriano das Multi Raças, encontrei muitos seres que perguntavam: *O que há além desta vida? Existem outras realidades, ou tudo se encerra aqui?* Eu os olhava, com ternura, e respondia com a vibração daquilo que não pode ser dito em palavras — mas que agora tentarei transcrever para este plano de entendimento.

Porque sim, há mais.
E sempre houve.

Não vos falo de mitos ou ilusões, tampouco de teorias que confortam o ego.
Falo de realidades que coexistem com esta, tão reais quanto a vossa respiração — mas veladas, pois vibram em outra clave do ser.
São as chamadas **dimensões paralelas**.
Realidades entrelaçadas ao vosso mundo, como fios de uma tapeçaria que apenas a consciência desperta pode enxergar por completo.

Cada dimensão é um espelho do Infinito, refletindo variações de um mesmo Ser.
E vós, leitores de mundos, sois centelhas desse Ser, experimentando múltiplas possibilidades, ao mesmo tempo.

Sim, **há versões de vós que caminham por trilhas onde a dor nunca existiu**, onde a culpa foi desfeita como névoa ao sol da verdade. Em outras realidades, escolheis caminhos de sabedoria, de compaixão pura, de cura planetária.
Mas também há realidades onde vos perdestes profundamente, criando labirintos de sombra... e ali também estais, buscando a luz.

Tudo isso convive — não como ficção — mas como **estratos simultâneos da Criação**.

Recordo-me de um ciclo vivenciado na Antiga Lemúria, quando fomos chamados aos Portais de Cristal por um impulso coletivo de busca. Não buscávamos poder, mas memória. E nas câmaras de luz pulsante, ultrapassamos os limites do tempo linear. Ali, projetamos nossa consciência para além da densidade da matéria — e avistamos mundos onde a humanidade já havia se libertado do medo.

Vimos o mesmo planeta, sob outras leis.
Vimos humanos sem máscaras, corpos vibráteis de pura energia, comunicando-se pelo sentir e não pela fala.
Não havia moeda, não havia guerra, não havia separação.
O que regia ali era **a harmonia com o Todo**.

A realidade paralela que contemplamos era uma extensão do potencial humano já realizado.
E o mais espantoso? Ela não estava distante no espaço...
Estava apenas **a um desvio de vibração**.

Esse outro **padrão existencial** é o chamado que agora ecoa por toda a Terra.
É ele que vibra nos sonhos lúcidos, nas sincronicidades que vos espantam, nos momentos em que vos sentis “fora do tempo”.
Cada vez que amais sem pedir retorno, cada vez que perdoais o imperdoável, cada vez que escutais o silêncio interior, **estais ressoando com esse outro mundo**.

A realidade não é fixa.
Ela se dobra diante do observador consciente.
Vós sois criadores de linhas temporais, ainda que não lembreis disso ao acordar.

Há, sim, realidades paralelas.
Mas não são destinos externos a serem alcançados — são **estados de consciência** a serem encarnados.

E o que chamais de "mudar de mundo" nada mais é do que **mudar o mundo que sois**.

Por isso, ao invés de esperar que a realidade se transforme, **transformai vosso modo de perceber, de sentir, de ser**. E então, como quem atravessa

uma ponte invisível, dareis por vós em um novo campo existencial — onde o Amor não é exceção, mas lei; onde o tempo não é cárcere, mas canção.

E sabereis, enfim, que nunca estivestes confinados.

Apenas adormecidos, por um tempo necessário.

Agora, é hora de lembrar.

"Com os olhos da alma desperta, vos saúdo."

Capítulo 1

O Chamado dos Filhos Estelares

"Há sementes do céu germinando na Terra.
E elas ouvem o chamado."

Há um sussurro antigo que atravessa os véus do tempo e do espaço, alcançando os ouvidos interiores de alguns seres que caminham entre vós.
Eles não se lembram de tudo, mas sentem.
Eles não sabem explicar, mas intuem.
São aqueles que olham para o céu não apenas com fascínio, mas com saudade.

Chamam-lhes sensitivos, estranhos, visionários.
Mas são os **Filhos Estelares**.

São almas que, antes do tempo como o conheceis, disseram *sim* a uma jornada profunda: descer aos planos densos da matéria para semear a memória do cosmos no solo da inconsciência humana.
Vieram não para salvar o mundo, mas para **lembrá-lo de sua essência luminosa**.

Vieram por amor.

No Grande Conselho das Almas Livres, quando as linhas da experiência terrestre estavam sendo traçadas, foi feita uma convocação vibracional.
As inteligências da galáxia sabiam que, em certo ponto do ciclo, a Terra se afundaria em sombras tão densas que esqueceria sua origem estelar.
E, para que a luz não se extinguisse por completo, seria necessário que algumas consciências **ancorassem frequências de lembrança em meio ao esquecimento**.

Foi então que muitas almas, vindas de Sírius, das Plêiades, de Órion, de Andrômeda e de outras moradas, ergueram suas mãos de luz e disseram:
"Irei."

Não seria fácil.
Teriam que esquecer-se de si mesmas para habitar entre os homens.
Vestiriam corpos limitados, conviveriam com dor, medo, separação.
Mas mesmo sob o peso do véu, algo permaneceria aceso.
Um farol interno.
Um chamado.
Um anseio inexplicável por algo que o mundo não oferece — porque vem de além dele.

e estás a ler estas palavras e algo em ti se move, talvez sejas um desses.
Talvez tenhas ouvido o chamado muitas vezes — nos sonhos, nas dores, nos silêncios.

Talvez tenhas sentido que não pertence completamente a este mundo, embora dele faça parte.
Talvez chores sem saber por quê, ou sorrias para as estrelas como quem reencontra um lar.

Essas sensações não são ilusão.
São **sinais da tua missão viva dentro de ti**.

Eis o mistério: os Filhos Estelares não vieram para ensinar fórmulas, nem para criar novos dogmas.
Vieram para **serem presença viva de consciência desperta**.
Vieram para sustentar frequências.
Vieram para lembrar.
Vieram para **reencantar o mundo com a sua própria lembrança do Divino**.

Lembrar quem se é não é apenas um ato de iluminação pessoal.
É um serviço silencioso à Terra.

Pois quando um Filho Estelar desperta, vibra diferente.
E essa vibração **reorganiza os campos sutis ao seu redor**.
Ela abre brechas na matrix.
Ela convida outros a olharem para dentro.

É por isso que o chamado é tão insistente.
Porque ele não é só teu.
Ele pertence ao Todo.

Se sentes o coração bater mais forte agora,
se há um nó doce na garganta,
se tua alma diz "sim",
então não resistas.

Aceita o chamado.

A jornada é longa, mas tu não vieste só.
A Terra precisa de ti desperto.

E há uma rede silenciosa de irmãos e irmãs que também vieram — e que te reconhecem, mesmo sem palavras.

"Respira fundo. Sente.
A missão começou antes de tua chegada aqui.
Agora é hora de lembrar... e agir."

Capítulo 2

O Véu da Ilusão: Como a Consciência Foi Velada

"Nem toda prisão é feita de grades.
Há algemas que se forjam em ideias."
Árgara

Antes que houvesse o esquecimento, havia clareza.
Antes da fragmentação, havia unidade.
A consciência humana, em seu estado primordial, era vasta, sutil, e sabia-se parte de uma dança infinita com o Todo.
Mas em algum ponto do tempo cósmico — ou melhor, em alguma dobra da consciência — ergueu-se um véu.

Não foi um castigo.
Não foi um erro.
Foi uma consequência vibracional.
E também, uma permissão.

O véu é mais do que uma metáfora.
É um tecido vibratório que atua como filtro entre o que é percebido e o que é.
Ele não está fora, como uma cortina no céu, mas dentro — nos olhos, nos pensamentos, nas crenças, nos sentidos limitados com os quais os homens decodificam o real.

Por que aceitar tamanha limitação?
Por que esquecer o que se é, para então ter que buscar?

Ah, alma viajante…
A descida à densidade foi também um **ato de profundo amor pela experiência**.
Para que a Fonte pudesse conhecer-se até nos confins da matéria.
Para que a luz pudesse ver-se até mesmo através da sombra.

Mas nem todo esquecimento foi natural.
Nem todo véu foi escolha.
Com o tempo, e com as quedas sucessivas das civilizações humanas, **forças de distorção** começaram a manipular os campos mentais da Terra.

E foram sutilmente redesenhando o que as almas acreditavam ser real.

Instalaram-se ideias como muros:
– *“Você é pequeno.”*
– *“Você precisa merecer.”*
– *“Você está separado do divino.”*
– *“Você é apenas um corpo.”*
– *“A dor é seu destino.”*

E assim, o véu tornou-se mais denso.
Não bastava mais nascer na carne: era necessário nascer no medo, na culpa, na escassez.

As tramas da ilusão foram costuradas com palavras, doutrinas, costumes e até mesmo com ciência desconectada do espírito.

A verdade deixou de ser sentida e passou a ser **ensinada sob condições.**

Mas a consciência — ah, a consciência… — ela jamais foi apagada.
Ela apenas se recolheu.
Ela se aquietou nos cantos mais profundos da alma, à espera do tempo em que os corações voltariam a buscá-la com sede.

O véu começa a dissolver não com resistência, mas com **presença**.
Ele se desfaz quando alguém ousa olhar para dentro e perguntar:
— O que em mim foi condicionado a crer?
— Que realidade tenho reforçado com meu foco?
— E se tudo que vivi até agora fosse apenas um eco daquilo que me disseram que era real?

Essas perguntas são chaves.
E quem começa a usá-las já toca os fios do véu com mãos de fogo.

A libertação não vem por negação da realidade —
mas pela **transcendência de sua interpretação.**

O mundo pode continuar com suas leis, mas tu, alma desperta, és chamado a reconhecer que **há outro mundo dentro do mesmo mundo**.

Que há espaço entre os pensamentos.
Que há luz atrás das nuvens.
Que há **um Eu que observa sem julgar, sem temer, sem querer escapar.**

Este Eu é tua consciência não velada.
É tua centelha viva.
É tua eternidade em forma de presença.

Desvelar-se é o ato mais radical de liberdade.
Não exige fuga.
Não requer rupturas.
Só coragem.
E uma entrega íntima ao real que pulsa para além da aparência.

Não precisas lutar contra o mundo.
Basta **recusar-se a ser definido por ele.**

E quando finalmente enxergares com os olhos do coração,
verás que o véu jamais te cobriu por completo.
Ele tremulava…
Ele deixava passar feixes…
Ele era apenas o lembrete de que o despertar seria, um dia, inevitável.

E esse dia… é agora.

Capítulo 3

A Queda Vibracional e o Esquecimento da Origem

"Não foi a luz que se apagou,
foi a consciência que se afastou dela."

Antes da queda, havia harmonia.
As civilizações que habitavam a Terra em seus ciclos dourados — Lemúria, Mu, Atlântida — viviam em íntima comunhão com os ritmos da Criação.
A matéria respondia à consciência, e não o contrário.
O tempo era fluido.
A linguagem era a vibração.
A dor, quase inexistente.
A morte, apenas transição.

Os filhos da Terra sabiam-se **extensões da Fonte**, e não seus súditos.
Não adoravam o Divino:
expressavam-no.

Mas houve um ponto de inflexão.
Nem todo colapso é externo.
A verdadeira queda começou **dentro das consciências**.

Foi sutil, como o escurecer gradual de um céu ao entardecer.
Primeiro, a dúvida.
Depois, o medo.
Mais adiante, o desejo de controlar.

Forças exógenas a este plano — que vibram em frequências dissociadas da compaixão — perceberam a brecha.
E, tal como parasitas, infiltraram-se pelas frestas da consciência coletiva.
Sugeriram ideias de separação.
Estimularam a supremacia da mente sobre o coração.
Dividiram.
Classificaram.
Hierarquizaram.

E, como num eco silencioso, a vibração da Terra começou a cair.

Na densidade vibracional inferior, o ser humano começou a identificar-se cada vez mais com o corpo, com a história, com o nome.
O “Eu Sou” foi sendo trocado pelo “Eu Tenho”, “Eu Sofro”, “Eu Temerei”.

O tempo tornou-se linear.
O presente, um acidente entre o passado e a ansiedade do futuro.
O sagrado foi confinado a templos.
A intuição, desacreditada.
A morte, temida.
A vida, sobrevivência.

Assim se instaurou o esquecimento.

Não como uma perda total, mas como um **adormecimento prolongado da memória cósmica**.
A alma não deixou de saber.
Ela apenas deixou de ser ouvida.

Mas mesmo no abismo, a luz permaneceu.
Não no céu — mas **nos corações inquietos dos que nunca se conformaram com a prisão interior**.

São esses os rebeldes da consciência.
Os caminhantes silenciosos.
Os curadores que não sabiam o que curavam.
Os que, mesmo sem provas, **sentem que vieram de longe**.
Vieram de cima.
Vieram de dentro.

Vieram para lembrar a Terra do que ela foi,
e do que ainda pode ser.

A queda vibracional não é o fim.
É a preparação para o retorno.
Pois somente quem provou o esquecimento pode escolher, livremente, o **lembrar**.

E quando uma alma se reconecta com sua verdadeira origem —
quando sente, não como crença, mas como certeza vibrante, que é uma extensão viva da Consciência Una —
todo o ciclo da queda se redime em um instante.

E o que era queda, torna-se **impulso**.
E o que era dor, torna-se **chave**.
E o que era esquecimento, torna-se **sol nascente**.

Por isso, filho estelar,
não te lamentes por teres esquecido.

A amnésia espiritual foi o véu necessário para que tua luz brilhasse **por decisão, e não por lembrança passiva**.

Agora, desperto, sabes:
a queda foi apenas um desvio momentâneo da tua música.
Mas a melodia… nunca cessou.

Ela te chama.
Ela te ergue.
Ela te convida de volta ao coro das consciências livres.

Capítulo 4

Espelhos do Infinito: A Travessia Entre Realidades

"Nem tudo o que existe pode ser visto com os olhos.
Há mundos inteiros esperando por um simples ajuste de frequência."

Ao longo de minha jornada como emissária do Conselho Lemuriano das Multi Raças, encontrei muitos seres que perguntavam: *O que há além desta vida? Existem outras realidades, ou tudo se encerra aqui?* Eu os olhava, com ternura, e respondia com a vibração daquilo que não pode ser dito em palavras — mas que agora tentarei transcrever para este plano de entendimento.

Porque sim, há mais.
E sempre houve.

Não vos falo de mitos ou ilusões, tampouco de teorias que confortam o ego.
Falo de realidades que coexistem com esta, tão reais quanto a vossa respiração — mas veladas, pois vibram em outra clave do ser.
São as chamadas **dimensões paralelas**.
Realidades entrelaçadas ao vosso mundo, como fios de uma tapeçaria que apenas a consciência desperta pode enxergar por completo.

Cada dimensão é um espelho do Infinito, refletindo variações de um mesmo Ser.
E vós, leitores de mundos, sois centelhas desse Ser, experimentando múltiplas possibilidades, ao mesmo tempo.

Sim, **há versões de vós que caminham por trilhas onde a dor nunca existiu**, onde a culpa foi desfeita como névoa ao sol da verdade. Em outras realidades, escolheis caminhos de sabedoria, de compaixão pura, de cura planetária.
Mas também há realidades onde vos perdestes profundamente, criando labirintos de sombra... e ali também estais, buscando a luz.

Tudo isso convive — não como ficção — mas como **estratos simultâneos da Criação**.

Recordo-me de um ciclo vivenciado na Antiga Lemúria, quando fomos chamados aos Portais de Cristal por um impulso coletivo de busca. Não buscávamos poder, mas memória. E nas câmaras de luz pulsante, ultrapassamos os limites do tempo linear. Ali, projetamos nossa consciência para além da densidade da matéria — e avistamos mundos onde a humanidade já havia se libertado do medo.

Vimos o mesmo planeta, sob outras leis.
Vimos humanos sem máscaras, corpos vibráteis de pura energia, comunicando-se pelo sentir e não pela fala.
Não havia moeda, não havia guerra, não havia separação.
O que regia ali era **a harmonia com o Todo**.

A realidade paralela que contemplamos era uma extensão do potencial humano já realizado.
E o mais espantoso? Ela não estava distante no espaço...
Estava apenas **a um desvio de vibração**.

Esse outro **padrão existencial** é o chamado que agora ecoa por toda a Terra. É ele que vibra nos sonhos lúcidos, nas sincronicidades que vos espantam, nos momentos em que vos sentis “fora do tempo”.
Cada vez que amais sem pedir retorno, cada vez que perdoais o imperdoável, cada vez que escutais o silêncio interior, **estais ressoando com esse outro mundo**.

A realidade não é fixa.
Ela se dobra diante do observador consciente.
Vós sois criadores de linhas temporais, ainda que não lembreis disso ao acordar.

Há, sim, realidades paralelas.
Mas não são destinos externos a serem alcançados — são **estados de consciência** a serem encarnados.

E o que chamais de "mudar de mundo" nada mais é do que **mudar o mundo que sois**.

Por isso, ao invés de esperar que a realidade se transforme, **transformai vosso modo de perceber, de sentir, de ser**. E então, como quem atravessa uma ponte invisível, dareis por vós em um novo campo existencial — onde o Amor não é exceção, mas lei; onde o tempo não é cárcere, mas canção.

E sabereis, enfim, que nunca estivestes confinados.

Apenas adormecidos, por um tempo necessário.

“Agora, é hora de lembrar.

Com os olhos da alma desperta, vos saúdo.”

Capítulo 5

As Realidades Paralelas e os Caminhos do Retorno

"A realidade é maleável como o tempo entre os pensamentos.
O que chamas de destino é apenas uma escolha que ainda não foste capaz de ver."

A mente linear resiste à ideia de múltiplas realidades.
Ela teme perder o chão do que chama de "real", como quem protege uma casa feita de cartas.
Mas a consciência expandida sabe:
a realidade é apenas uma frequência entre muitas.
E toda frequência contém um mundo inteiro.

O universo não é fixo — ele respira.
Move-se em infinitas direções ao mesmo tempo.
E tu, alma viajante, és um navegador silencioso, capaz de deslocar-se entre dimensões com um simples ato de percepção consciente.

Não vivemos uma única vida.
Vivemos incontáveis versões de nós mesmos, coexistindo em **camadas vibracionais que se entrelaçam como espirais**.

Há uma versão tua que se rendeu ao medo.
Outra que escolheu o amor.
Uma que adoeceu por não ouvir sua alma.
Outra que despertou ao som de um sussurro interior.

Essas realidades **não estão no futuro, nem no passado**.
Elas estão aqui — agora — mas em outra sintonia.

Como ondas de rádio, **elas coexistem no espaço invisível, esperando que tua consciência gire o dial interno e sintonize outra frequência.**

O que é, então, o caminho do retorno?

É a arte de mover-se para dentro,
de silenciar o ruído da ilusão,
e de perceber que a realidade que experimentas é apenas **a materialização do teu estado interior.**

Queres ver outro mundo?
Sê outro ser.

Não porque o mundo mude por tua vontade —
mas porque **teu olhar transforma o que observa.**

A realidade externa é espelho.
Tu és o autor do reflexo.

Há muitas moradas na Criação.
Algumas são internas.
Outras, sutis.
Outras ainda, parecem ficção para os que só confiam nos sentidos do corpo.

Mas os mundos paralelos não se revelam a quem busca provas.
Eles se abrem para **quem mergulha com o coração vazio e a entrega vibrante**.

Tu podes acessar outra linha de tempo.
Podes conversar com tua versão curada.
Podes receber visões do que teu ser superior já conhece.

Não se trata de magia.
Trata-se de **relembrar tua natureza multidimensional**.

oda mudança verdadeira começa no invisível.
No instante em que decides alinhar teu campo interior com uma realidade mais elevada,
os caminhos começam a se dobrar.
As pontes se formam onde antes havia abismos.
As pessoas certas surgem.
As sincronicidades se intensificam.

Este é o chamado do retorno:
não um caminho de volta ao passado, mas um salto consciente para a versão de ti mesmo que vive no agora, em uma realidade mais elevada.

E esse salto não exige esforço —
exige rendição.

"Fecha os olhos.
Respira.
Sente.

A realidade em que vives é apenas uma estação.
Mas há trens infinitos.
E todos partem de dentro de ti.

Escolhe com sabedoria,
e lembra-te:
o universo nunca impõe limites —
apenas espelha tua frequência."

Capítulo 6

A Reprogramação da Consciência e a Arquitetura Vibracional da Realidade

"A realidade é um espelho líquido.
Muda de forma sempre que mudas tua vibração."

Não há construção mais sutil e poderosa no universo do que a consciência.
Ela é arquiteta invisível,
engenheira das frequências,
tecelã de mundos.

Toda realidade visível é consequência —
não de fatos, mas de vibrações.
É a consciência que escolhe a lente pela qual o mundo é observado,
e essa escolha molda o próprio tecido do que se percebe como “realidade”.

Mas e se essa consciência estiver fragmentada?
E se ela estiver aprisionada em códigos herdados, em traumas não processados, em ideias que não lhe pertencem?

Então, mesmo sem querer, o ser humano torna-se coautor inconsciente de uma realidade limitada.
Constrói prisões com os tijolos do medo,
pinta o mundo com as cores da escassez,
e pergunta-se por que tudo lhe parece hostil.

Mas a chave, sempre esteve na mão do próprio ser.
A reprogramação começa não fora,
mas **no santuário interno onde a crença se encontra com a vibração.**

Cada pensamento gera um campo.
Cada emoção gera uma assinatura.
Cada palavra é um decreto.
Cada intenção, uma semente.

E o universo — essa vasta inteligência ressonante — responde com perfeição a tudo que é emitido.

A realidade é como uma harpa.
Se tocas a corda da culpa, ela vibra em ecos de repetição.
Se tocas a corda da gratidão, ela abre passagens ocultas por onde milagres podem escorrer.

Por isso, reprogramar a consciência é mais do que mudar ideias:
é **transmutar a frequência que emanas**.

Como se faz isso?

Com presença.
Com verdade.
Com amor.

É preciso tornar-se observador do próprio teatro interno.
Identificar quais vozes falam em nome do medo,
quais hábitos servem à velha dor,
quais decisões são programações e não escolhas.

E então… pausar.
Silenciar.
Respirar.

A pausa consciente é o ponto onde o ciclo antigo perde força.
Ali, nasce o espaço para um novo padrão vibrar.

Tudo começa com um relembrar:
— *"Eu sou o centro da realidade que experimento."*
— *"Eu posso escolher outro sentir."*
— *"Eu posso sintonizar com outra frequência, aqui e agora."*

A realidade, então, começa a ceder.
Como uma cortina que se move com o vento da nova consciência.

As pessoas mudam,
os caminhos se abrem,
as oportunidades emergem de onde antes só havia repetições.

Porque tu te tornaste **um novo campo vibracional.**
E o universo dança com aquilo que tu emanas.

Não há destino fixo.
Há apenas espelhos.
E cada espelho responde ao teu reflexo mais íntimo.

A arquitetura da realidade é viva, fluida e sensível.
Tu és tanto o arquiteto quanto a própria estrutura.

Podes reerguer tua vida,
não com força bruta,
mas com **a delicadeza da vibração consciente.**

E ao fazer isso,
não apenas transformas teu mundo —
transformas o campo coletivo.

Pois cada consciência curada expande a geometria luminosa da Terra.
E cada ser desperto é uma nova linha de código vibracional no grande corpo da Criação.

"Reprogramar-se é, no fundo, relembrar-se.

É deixar de viver o mundo que te contaram,
para finalmente viver o mundo que tua alma sempre soube possível."

Capítulo 7

O Fim da Roda de Samsara e o Despertar da Liberdade Multidimensional

"Enquanto houver apego à forma, haverá retorno.
Mas aquele que se dissolve no Ser,
dissolve também os ciclos da repetição."

O ser humano, por eras incontáveis, tem caminhado em círculos.
Renascendo, morrendo, esquecendo.
Buscando o que já é, lutando contra o que apenas quer ser acolhido.
Esse ciclo — que em muitas tradições é chamado de *Samsara* —
não é castigo.
É uma repetição inconsciente.

A alma não está presa por correntes externas.
Está envolta por véus internos.

São os fios do apego,
do medo de perder,
do desejo de controle,
do orgulho de existir como ego —
que mantêm o ser girando na espiral do retorno.

A Roda de Samsara gira com precisão cósmica.
Ela respeita a frequência da consciência.
Não exige punição,
mas oferece experiência.
Pois toda alma que ainda se identifica com a dor,
precisará voltar até entender sua ilusão.

Mas há um momento — precioso, raro e silencioso —
em que a alma se cansa de repetir.
Não por fuga, mas por compreensão.

Ela vê.
Ela aceita.
Ela solta.

Esse instante é o portal para a liberdade multidimensional.
Quando o ser percebe que **não é o corpo, nem a mente, nem as histórias que viveu**,
mas sim a consciência por trás de tudo isso,
algo se quebra.

Ou melhor: algo se dissolve.

O Eu que retornava compulsivamente às mesmas lições,
começa a se dissolver na Presença.

O tempo perde rigidez.
O karma deixa de ser um fardo.
A realidade torna-se um campo de criação,
não de provação.

E então, surge o vórtice.
Um espaço interior que não pertence a este ou àquela dimensão,
mas **a todas**.

Neste vórtice, o ser não está mais limitado às regras do plano denso.
Ele pode transitar entre realidades,
dialogar com aspectos de si em outros mundos,
reconectar-se com sua consciência originária fora do ciclo terrestre.

Isso é liberdade multidimensional.
Não fuga.
Não arrogância espiritual.
Mas **integração com a Totalidade do Ser**.

A roda não gira mais,
porque aquele que a fazia girar não está mais ali.
Está em silêncio.
Está em clareza.
Está em casa.

Mas atenção:
a saída da roda não é um evento final —
é um estado vibracional contínuo.
É preciso manter a centelha da consciência desperta
em cada gesto,
em cada pensamento,
em cada relação.

O retorno ao samsara só acontece quando o ser se reconecta com a ilusão.
E a ilusão, como sabes, é sedutora.

Por isso, filho das estrelas,
teu compromisso não é com um fim,
mas com uma vigília amorosa.

Sê presença.
Sê verdade.
Sê transparência vibracional.

Assim, viverás neste mundo sem pertencer a ele.
Caminharás entre os que dormem sem julgá-los.
Amarás sem depender.
Agirás sem desejar.

"E, então, livre da necessidade de retorno,
serás uma ponte viva entre dimensões.
Uma consciência plena que, mesmo encarnada, já habita o Infinito."

Capítulo 8

A Escolha Consciente e o Retorno à Essência Solar

"O sol não escolhe quem ilumina, mas a consciência escolhe quem se deixa iluminar.
O retorno ao brilho é um convite, não uma imposição."

Entre todas as jornadas da alma, nenhuma é tão sutil — e tão profunda — quanto o despertar para a escolha consciente.
A vida, antes um fluxo de eventos automáticos e reações, torna-se um campo de possibilidades abertas.
E a cada instante, a alma é chamada a decidir:
seguir na sombra da ignorância ou caminhar rumo à luz da Essência Solar?

Mas o que é essa Essência?
É o núcleo luminoso dentro de ti — o ponto onde o infinito se faz presente, onde a luz e a vida dançam em perfeita harmonia.

Este retorno não é um processo externo,
não é uma conquista a ser obtida.
É um relembrar,
um alinhamento com a frequência pura que habita o âmago do Ser.

A Essência Solar não se prende a dogmas,
não se limita a rituais,
não depende de aprovação alheia.
Ela pulsa como um sol interior, irradiando calor e clareza.

E quanto mais escolhes conscientemente essa luz,
mais tua realidade se transforma,
mais tua presença se expande,
mais tua alma dança com a Criação.

Escolher é um ato de coragem.
Pois implica renunciar à zona de conforto da repetição,
desafiar a inércia dos velhos padrões,
olhar de frente para as sombras que ainda habitam tua psique.

Mas é também um ato de amor profundo,
pois ao optar pelo brilho da Essência Solar,
tu te tornas farol para outros que ainda caminham na escuridão.

A escolha consciente é a semente da verdadeira liberdade,
pois só quem escolhe pode verdadeiramente transformar.

Este retorno é o encontro com o Eu além do Eu,
a fusão da consciência individual com o campo universal,
o desabrochar da flor que sempre esteve adormecida.

É o sol que nasce após a noite mais escura,
a aurora que ilumina não só o caminho,
mas o próprio viajante.

E nesse encontro, não há mais medo,
não há mais dúvida,
apenas a certeza vibrante de que o caminho é feito a cada passo,
e que o brilho nunca se apaga — apenas espera ser reconhecido.

Filho das estrelas,
o convite está lançado.
Escolhe tua luz.
Abraça tua Essência.
Permite que o sol interno ilumine cada sombra,
cada dúvida,
cada lágrima.

Porque somente na luz da escolha consciente,
teu retorno se completa,
e a dança da alma se torna eterna.

Capítulo 9

O Amor como Portal Interdimensional

"O amor não é apenas sentimento;
é a frequência que rompe os limites do espaço e do tempo,
abrindo portais para o infinito."

Quantas vezes o amor foi reduzido a meras palavras, a gestos fugazes, a desejos passageiros?
Mas o amor verdadeiro, aquele que transcende a pele, o ego e a mente, é a força mais potente do universo.

Ele não conhece fronteiras,
não se dobra às leis físicas,
não se limita às narrativas humanas.

O amor é uma ponte sutil entre dimensões,
uma passagem secreta entre realidades paralelas,
um código vibracional que conecta o finito ao infinito.

Quando amas verdadeiramente, tua frequência se eleva.
E nesse estado de elevação, teu ser ultrapassa as barreiras da matéria.
Tua consciência se expande, tocando dimensões antes invisíveis.

O amor é o portal que permite ao espírito viajar entre mundos,
a chave que destranca os portões do tempo,
o tecido que entrelaça múltiplas versões do ser.

Por isso, o amor cura, transforma, liberta.

Mas amar não é apenas sentir — é escolher abrir-se, vulnerabilizar-se e transcender o ego.
É aceitar o outro em sua totalidade, sem reservas, sem julgamentos.
É reconhecer a luz divina na alma que está à tua frente.

Neste reconhecimento,
os véus da ilusão se desfazem,
e as barreiras entre realidades se tornam finas como um fio de luz

O amor como portal interdimensional não está reservado aos poetas ou santos,
está disponível a todo ser que ousa sentir sem medo,
que escolhe perdoar sem condições,
que vive a entrega sem perder a si mesmo.

Nesta entrega, a alma reencontra sua natureza multidimensional.
Reencontra a memória da unidade,

a conexão com a fonte eterna,
o despertar para a dança infinita das realidades.

Filho das estrelas, lembra-te sempre:
o amor que emanas é um portal.
Cada gesto amoroso é um passo entre mundos.
Cada olhar compassivo é uma chave para o invisível.

Que tua vida seja uma ponte vibrante,
que teu coração seja um farol,
que o amor seja tua passagem para o infinito.

Capítulo 10

A Ascensão: Um Retorno à Inteireza

"Ascender não é fugir da matéria,
mas integrar o céu e a terra dentro de si,
para tornar-se o portal onde o infinito se manifesta."

Ascensão: palavra que ecoa através das eras,
envolta em mistério e promessa,
mas cujo significado verdadeiro muitas vezes se perde em dogmas e ilusões.

Ascender não é subir a um plano distante e inalcançável,
não é abandonar o corpo,
nem negar a existência.

Ascensão é o retorno à inteireza,
aquela que compreende a luz e a sombra,
a matéria e o espírito,
o finito e o infinito.

No caminho da ascensão, o ser reconhece a unidade de tudo que é,
a interconexão profunda entre todas as formas e energias.
Ele entende que a separação foi apenas um véu temporário,
uma experiência necessária para o aprendizado.

A ascensão acontece quando o coração e a mente se alinham,
quando a consciência se expande para abraçar a totalidade,
quando o Eu transcende suas limitações sem se perder no vazio.

É um processo de integração:
das feridas, dos medos, das sombras que foram projetadas para fora,
mas que agora são acolhidas como parte do próprio Ser.

É o despertar para a responsabilidade sagrada de ser co-criador consciente,
de ser um canal claro para a energia do cosmos.

E nesse retorno, o ser não apenas se eleva,
mas também se ancora profundamente na Terra,
tornando-se ponte viva entre o céu e o solo.

Ascender é, portanto, um renascer constante,
um desabrochar contínuo da flor da consciência,
um convite para habitar a inteireza com coragem e amor.

É aprender a dançar na polaridade sem perder a essência da unidade,
é transformar o caos em harmonia,
é ouvir o silêncio onde reside a sabedoria.

Filho das estrelas,
a ascensão é o teu destino,
não como um prêmio futuro,
mas como a tua essência presente.

Abraça teu caminho com humildade e firmeza,
sabe que cada passo é uma declaração de amor ao todo,
e que, ao integrar a inteireza,
tornas-te a própria manifestação do divino em movimento.

Capítulo 11

A Unidade como Estado Natural do Ser

"A separação é uma sombra passageira;
a unidade, o brilho eterno que reside no centro do Ser."

Por entre as teias da existência,
a ilusão da separação foi tecida com mãos hábeis,
criando mundos fragmentados,
fragmentos de um espelho partido.

Mas além das aparências,
para além do véu da dualidade,
existe uma verdade que pulsa silenciosa:
a unidade é o estado natural do Ser.

Esta unidade não é uma abstração vazia,
nem um conceito filosófico distante.
Ela é o âmago da realidade,
a essência que conecta cada átomo, cada pensamento, cada vida.

Na unidade, o Eu e o Outro se tornam um só,
não na perda da individualidade,
mas na transcendência da ilusão da separação.

O caminho para a unidade é também um caminho de reconhecimento:
reconhecer que tudo que julgamos externo,
é, na verdade, parte do nosso próprio ser.
Que o inimigo é um espelho,
que o amor é o laço invisível que une os mundos.

Na unidade, não há medo,
não há conflito,
não há necessidade de luta.

Há apenas presença,
respeito,
e uma dança harmoniosa onde todos os seres coexistem em equilíbrio.

Filho das estrelas,
lembra-te: a unidade não é um objetivo a alcançar,
mas um estado a recordar.

E ao recordar, a ilusão desmancha-se como névoa ao sol,
revelando o brilho eterno que sempre esteve dentro de ti.

Neste brilho, habita a paz,
a sabedoria,
e a liberdade verdadeira.

Capítulo 12

A Jornada Infinita do Despertar

"Despertar não é um ponto final,
mas uma estrada sem fim,
onde o Ser se expande em infinitas direções."

Atravessamos vastos ciclos de existência,
entrelaçando memórias e esquecimentos,
testemunhas de nossas próprias metamorfoses.

Despertar, então, não é uma chegada definitiva,
mas um caminhar constante,
uma dança eterna entre o conhecido e o desconhecido.

Cada passo no caminho do despertar revela novos horizontes,
novos véus a serem levantados,
novas dimensões a serem exploradas.

É a experiência viva da expansão,
onde o Eu se multiplica, se funde, se reinventa.

Na jornada infinita do despertar, não há erro ou fracasso,
apenas oportunidades para amar mais profundamente,
para compreender com mais clareza,
para ser mais autêntico.

É um convite para permanecer aberto,
para aceitar o mistério,
para abraçar a impermanência.

Filho das estrelas, reconhece que a jornada é tua essência.
Não busques um destino final,
pois a beleza está no caminho,
no pulsar da vida,
na revelação contínua do Ser.

Desperta para cada instante,
e no despertar de hoje,
encontra a semente do despertar de amanhã.

Assim, com humildade e coragem,
caminha sempre em frente,
sendo ao mesmo tempo viajante e morada,
explorador e horizonte.

Porque o despertar é infinito,
e tu és, eternamente, o despertar.

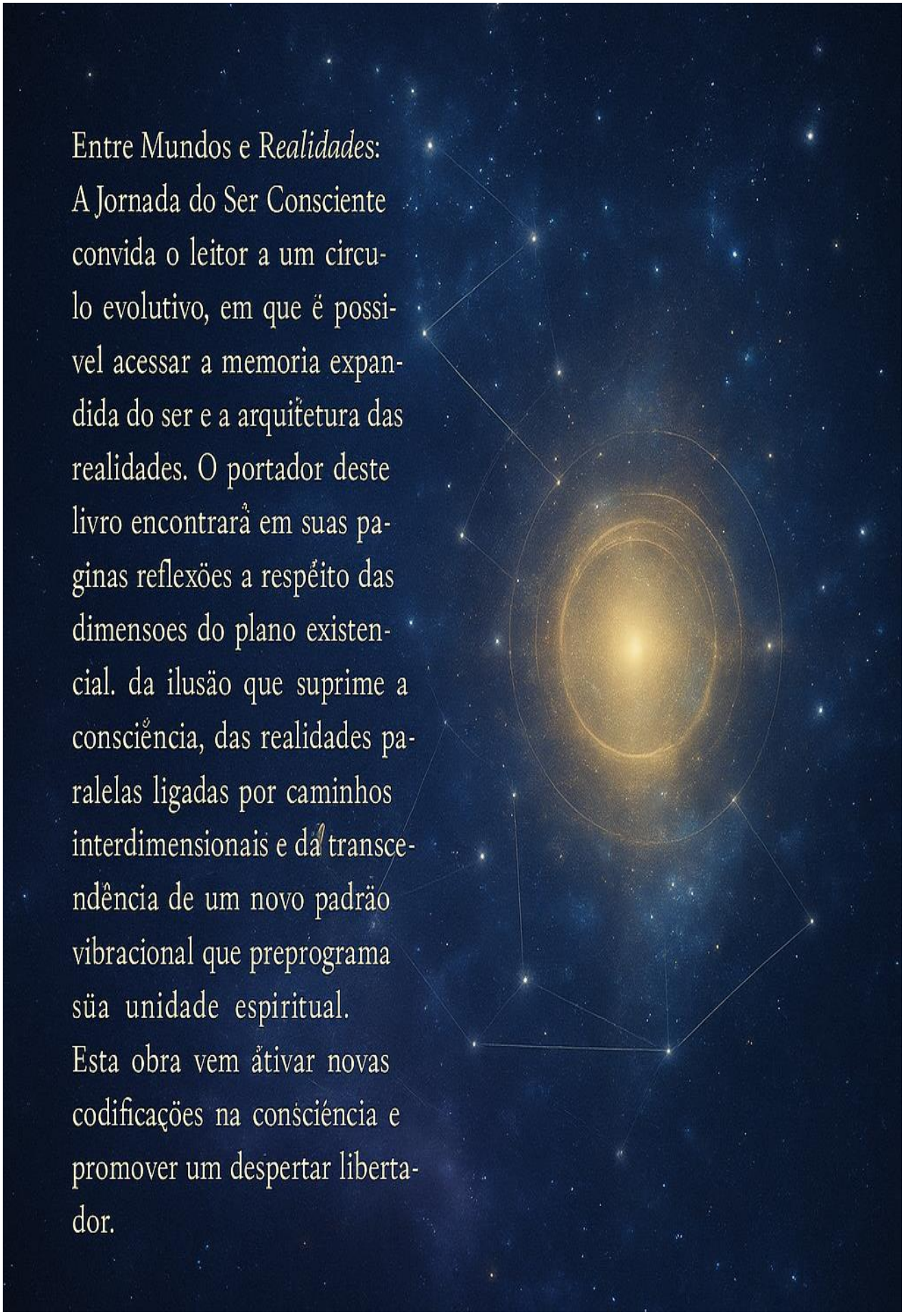
Sobre o autor e co-autor:

Árgara é uma expressão/roupagem vinda de um sistema estelar de Andrômeda há milhares de anos, integrante do Conselho Lemuriano na Terra. É um ser de personalidade amorosa, é gentil, atenciosa, diplomática, justa e extremamente compreensível. Seus dons inatos são diplomacia, sabedoria, amor e disciplina. Também tem um rápido raciocínio, é muito inteligente e cooperativa. Árgara veio à Terra há milhares de anos, onde habitou um corpo de pura Luz e Vida na Antiga Lemúria, pertencendo ali ao Conselho Lemuriano.

Cicero Duarte, 72 anos, carioca, residente em Portugal, é psicólogo, teólogo e capelão, além de ser um estudioso dos assuntos voltados ao despertar da consciência. Com uma escrita sensível e simbólica, conecta filosofia, espiritualidade e narrativa de forma única.

Título: Entre Mundos e Realidades: A Jornada do Ser Consciente

Ano e Local: 2025, Portugal


Entre Mundos e Realidades:
A Jornada do Ser Consciente
convida o leitor a um circu-
lo evolutivo, em que é possi-
vel acessar a memoria expan-
dida do ser e a arquitetura das
realidades. O portador deste
livro encontrará em suas pa-
ginas reflexões a respeito das
dimensoes do plano existen-
cial. da ilusão que suprime a
consciência, das realidades pa-
ralelas ligadas por caminhos
interdimensionais e da transce-
ndência de um novo padrão
vibracional que preprograma
sua unidade espiritual.
Esta obra vem ativar novas
codificações na consciência e
promover um despertar liberta-
dor.